

# Anotações de um artista-viajante: considerações sobre o processo criativo de Marcelo Moscheta

*Annotations on an traveler-artist: considerations about the creative process of Marcelo Moscheta*

PRISCILA RAMPIN\*

Artigo completo submetido a 13 de Janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015.

\*Artista visual. Graduação em artes visuais pela Universidade Federal de Uberlândia.

AFLIAÇÃO: Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS). Rua Tiradentes, 148, Ingá, 24210-510, Niterói - RJ, Brasil. E-mail: [priscilarampin@me.com](mailto:priscilarampin@me.com)

**Resumo:** Marcelo Moscheta é um artista-viajante. Buscar-se-á compreender o processo criativo do artista a partir do cruzamento do conceito de heterotopia (Foucault, 1980) e do "caminhar atento" (Jacks, 2012), expressão que indica um modo operatório de apreensão da paisagem urbana, aplicado aqui aos lugares distantes e diferentes pelo qual o artista justapõe ao cotidiano.

**Palavras chave:** Marcelo Moscheta / artista-viajante / processo criativo / heterotopia.

**Abstract:** *Marcelo Moscheta is a traveler-artist. This paper aims to understand the creative process of the artist by crossing the concept of heterotopia (Foucault, 1980) and "awareness walking" (Jacks, 2012), a term that indicates an operative mode of apprehension of the urban landscape, used here on the distant and different places by which the artist juxtaposes the everyday place.*

**Keywords:** *Marcelo Moscheta / traveler-artist / creative process / heterotopia.*

Marcelo Moscheta (1976, S. J. do Rio Preto, Brasil) é um artista viajante cuja produção está intimamente relacionada a viagens para locais longínquos, por vezes inóspitos. Nessas experiências, Moscheta rememora as explorações

científicas do século XIX das quais artistas da época eram responsáveis pelas anotações (desenho e escrita) da geografia do lugar visitado, das cidades e dos povos encontrados. Intenções aparentemente semelhantes são notadas em duas de suas obras, cujos processos de elaboração são especificamente comentados neste texto: *Deslocando Territórios: projeto para a fronteira Brasil/Uruguai* (2011) e *A line in the Artic #4* (2011).

A instalação *Deslocando Territórios: projeto para a fronteira Brasil/Uruguai* (Figura 1), apresentada na 8a Bienal do Mercosul e criada em uma viagem entre a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, mescla o desenho, a coleta e a classificação de pequenas rochas retiradas da fronteira e transportadas para outro lugar, “[...] seu deslocamento acentua a ideia de pertencimento – o lugar onde estavam / o lugar onde estão [...]”. (Moscheta apud Ramos, 2011:324)

Andar, observar, anotar, coletar, classificar e arquivar compõem o processo artístico de Moscheta que, além de caracterizar, por si só, atividades poéticas, desempenham a tarefa de “ajudá-lo” na compreensão e interpretação do lugar: “lembro-me dos artistas do movimento situacionista, foram eles os que me inspiraram a pensar assim, que podemos monitorar nossos passos, assinalar momentos, indicar caminhos que fazemos” (Moscheta, 2013:89). A constatação de deslocamento, – seja devido ao trajeto percorrido entre um lugar e outro, seja devido ao estranhamento em relação ao desconhecido, – é, de fato, própria do artista viajante, caminhante, ou, possivelmente, daquele qualquer que viaja.

Do trajeto entre as cidades de Alegrete e Pelotas, Moscheta trouxe consigo 55 rochas que foram indicadas com suas respectivas coordenadas geográficas. Entre o ritual e o sugestivo protocolo arqueológico, as pedras são escolhidas, coletadas, identificadas, transportadas, lavadas, classificadas, fotografadas e desenhadas para depois ganhar um novo lugar. Lugar este que será sempre flexível e móvel, pois as rochas – também uma metáfora para o corpo do artista – dificilmente retornarão ao seus pontos de origem tão estáveis.

Na fixidez político-territorial que demarca a fronteira entre os dois países, Uruguai e Brasil, há a tentativa solitária e silenciosa de flexibilizar o espaço e construir de modo sensível uma conexão deste com o artista. A atividade empreendida neste processo contradiz a ideia do corpo passivo tão discutida nas teorias contemporâneas. (Jacks, 2004) Moscheta, sistematicamente, abre uma fenda no tempo e no ambiente para justapor momentos distintos: aquele lento e contemplativo da observação à aceleração da atualidade. Ou o momento de uma abertura em um mundo onde a tendência é levar a vida dentro de interiores, – da casa, do escritório, da academia, do carro.



**Figura 1** - Marcelo Moscheta, Deslocando Territórios: projeto para a fronteira Brasil/Uruguai, 8º Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2011, Foto: fonte própria.

**Figura 2** - Marcelo Moscheta, A line in the Arctic, Exposição Norte, Rio de Janeiro, de 11 de dez. De 2012 a 17 de fev. De 2013. Foto: fonte própria.

O senso de simultaneidade, implícito na relação temporal entre a vida ordinária (do que é confortavelmente conhecido), e a apreensão do novo espaço permite um atravessamento com a noção de heterotopia. Sendo esse o caso, parece coerente que o “espaço diferente” de interesse do filósofo Michel Foucault (1980) seja retomado neste texto não como uma interpretação da obra de Moscheta, mas sim como o espaço experimentado em suas viagens. É justamente na disrupção espaço-temporal (Johnson, 2012) e, conseqüentemente, na sensação de estranhamento que ela produz que o artista entrega-se à tarefa de compreender este espaço diferente.

No mesmo ano de 2011, Moscheta integrou a “expedição” *The Artic Circle* como residente em um lugar inusitado: as terras geladas do Polo Norte. Os trabalhos produzidos durante e após a viagem deixam claro a surpresa do contato com a paisagem tão insólita, “[...] aquele não era um lugar para mentes sadias”, nas palavras de Marcelo Moscheta. (2013:13)

Tal qual a defesa de Foucault acerca de que a nossa experiência do mundo se assemelha “[...] a uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama [...]” (1980:411), Moscheta vivencia a alternância de espaços-tempos presentes. A impossibilidade de dominar aquele lugar no Ártico, onde a tecnologia do GPS, do celular e as referências visuais parecem falhar, provocou não somente as sensações de desnorreamento e descontrole, mas remeteram-no às experiências dos antigos navegadores e dos primeiros homens que desejaram fixar-se.

Neste ponto, o aspecto heterotópico pode ser notado duplamente. Primeiramente pelos espaços entrecruzados vividos no barco que, embora fechado em si, é aberto à infinitude do oceano. O barco transporta o passageiro por outros lugares refletindo-os e incorporando-os, tornando-se, assim, um depósito de imaginação. (Johnson, 2012) Por outro lado, há o contato com a vastidão do gélido e desabitado Norte ou com o agreste do Pampa que cinde a paisagem cotidiana.

Tem-se aí o início da sua estratégia para a compreensão e apropriação do lugar, tão caro à sua poética, e com o qual é possível traçar similaridades ao caminhar atento descrito por Jacks [no original em inglês: *walking with attention*]. (2004:6) É somente assim que o caminhante se livra de suas crenças e percepções pré-definidas, abrindo-se para o que o mundo realmente lhe apresenta.

Como um manual da caminhada atenta, originalmente direcionado aos arquitetos urbanos, Jacks explora quatro princípios, a saber: *Sighting, Measuring, Reading, Merging* [em livre adaptação para o português: observação, medição, interpretação e conexão]. (2004) Enquanto caminhamos e observamos, explica

o autor, estabelecemos, intuitivamente, ligações entre os objetos e a paisagem em uma negociação entre aquilo que nos é familiar e aquilo que é novo.

Tomam-se notas das distâncias e localizações, da metragem e dos limites; tarefa que pode ser realizada sem qualquer instrumento de precisão. A impossibilidade de usar acuradamente o G.P.S. impele Moscheta a localizar-se no espaço de modo imaginativo e subjetivo. Desse processo surge a obra *A line in the Artic* (2011) cujos registros foram apresentados em 2013 durante a exposição individual *Norte*, na cidade do Rio de Janeiro (Figura 2): uma fita amarela esticada no solo no exercício de seguir o paralelo e o meridiano.

As medições fornecem aos planejadores urbanos dados para a leitura e interpretação do lugar, como reitera Jacks. (2004) No entanto, para o artista, o componente ficcional de suas medições instauram outras narrativas ou desvios, em termos de Foucault (1980) Corpo e mente verdadeiramente conectados ao ambiente implicam, segundo Jacks (1980) em um elevado grau de consciência e na alteração do sentido do tempo.

Para um turista comum, talvez a apreciação de um cenário seja algo por demais superficial, diferente do explorador e, acrescente-se aqui, do artista-viajante cuja experiência torna-se menos efêmera pelo prazer e curiosidade científica – e artística. (Tuan, 1980)

“Que desejo é esse de se meter em lugares que não parecem feitos para o homem?”, indaga-se Moscheta. (2013:8) Foucault talvez lhe respondesse: Sem navegar, seus sonhos se esgotariam!

### Conclusão

Buscou-se compreender o processo criativo do artista brasileiro Marcelo Moscheta à luz do conceito de heterotopia (Foucault, 1980), tendo como princípio que: o artista empreende pequenas expedições para lugares diferentes àqueles cujas paisagens lhe são habituais. Tais deslocamentos geram breves, porém profundas, rupturas no tempo presente e o forçam a novas relações perceptivas entre seu corpo, mente e ambiente.

Ademais, a viagem demanda-lhe a sistematização de procedimentos que o ajuda a entender o lugar e a conectar-se a ele. O protocolo de tarefas cumpridas pelo artista, longe de ser matemático e por demais racional, afina-se à prática da caminhada atenta explicada no texto *Reimagining Walking: four practices* (2012) [em português: Reimaginando a caminhada: quatro práticas] citado no presente texto.

O apelo do autor é à criatividade e à imaginação, contrárias à alienação e à cegueira perceptiva atribuídas à modernidade e à pós-modernidade. Os artistas reconhecem a caminhada como um ato subversivo por seu caráter imediato,

essencial e exclusivamente humano. (Jacks, 2012) É no enfrentamento diante do lugar heterotópico que a imaginação lhe confere diferentes possibilidades de interpretação e conexão: “lá, na paisagem, não detenho controle do tempo ou do espaço e deixo-me, assim, aberto à experiência do maravilhamento com o entorno, para o encontro com a essência do lugar” (Moscheta, 2013: 9).

### Referências

- 8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética: catálogo (2011). Coordenação: Alexandre Dias Ramos. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, p. 322-327. ISBN 978-85-99501-20-7
- Foucault, Michel (1984) Outros Espaços. In: da Motta, Manoel Barros (org.) (2009) *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed., p. 411-422. ISBN 978-85-218-0390-4
- Jacks, Ben (2004). *Reimagining Walking: four practices*. Journal of Architectural Education (1984-), vol. 57, n. 3, Fev. 2004, p. 5-9. [Consult 12/13/2014], Disponível em <URL: [www.jstor.org/stable/1425774](http://www.jstor.org/stable/1425774)>
- Johnson, Peter (2012) *History of the Concept of Heterotopia*, Heterotopian Studies, [Consult 2014-12-18]. Disponível em <URL: [www.heterotopiastudies.com/wp-content/uploads/2012/05/History-of-the-Concept-of-Heterotopia-pdf.pdf](http://www.heterotopiastudies.com/wp-content/uploads/2012/05/History-of-the-Concept-of-Heterotopia-pdf.pdf)>
- Moscheta, Marcelo (2013). *Norte*. Rio de Janeiro: Imã Editorial. ISBN 978-85-64528-53-6
- Tuan, Yi Fu (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.